

INVESTIGAÇÕES SOBRE LINGUA[GEM] SITUADA - 2

INVESTIGAÇÕES SOBRE LINGUA[GEM] SITUADA

1. SITUAR A LINGUA[GEM]

Inês Signorini [org.], Kanavillil Rajagopalan, Edwiges Morato, Lorenza Mondada, Jan Blommaert

2. [RE]DISCUTIR TEXTO, GÊNERO E DISCURSO

Inês Signorini [org.], Anna Christina Bentes, Renato Cabral Rezende, Evando Nascimento, Lucia Santaella, Roxane Rojo, Dominique Maingueneau, Flávia Biroli, Christian Ingo Lenz Dunker

INÊS SIGNORINI (ORG.)

[RE]DISCUTIR

texto, gênero
e discurso

Anna Christina Bentes
Renato Cabral Rezende
Evando Nascimento
Lucia Santaella
Roxane Rojo
Dominique Maingueneau
Flávia Biroli
Christian Ingo Lenz Dunker

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

FOTO DA CAPA: *Tuomas Pekkarinen - stock.xchng®*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

R25

[Re]discutir texto, gênero e discurso / Inês Signorini (organizadora);
Anna Christina Bentes... [et al.]. - São Paulo : Parábola Editorial, 2008.
-(Investigações sobre lingua[gem] situada ; 2)
Seqüência de: Situar a lingua[gem]

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-84-6

1. Análise do discurso. 2. Linguagem e línguas. I. Signorini, Inês. II.
Série.

08-2667.

CDD: 401.41
CDU : 81'42

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-84-6

© do texto: Inês Signorini et alii, 2008

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, julho de 2008

SUMÁRIO

7 **APRESENTAÇÃO**
Inês Signorini

PARTE I
[RE]DISCUTIR TEXTO E GÊNERO

19 **TEXTO: CONCEITOS, QUESTÕES E FRONTEIRAS
[CON]TEXTUAIS**
Anna Christina Bentes e Renato Cabral Rezende

47 **O NOVO ESTATUTO DO TEXTO NOS AMBIENTES
DE HIPERMÍDIA**
Lucia Santaella

73 **GÊNEROS DE DISCURSO/TEXTO COMO OBJETO
DE ENSINO DE LÍNGUAS: UM RETORNO AO
TRIVIUM?**
Roxane Rojo

109 **TEXTO, TEXTUALIDADE, CONTEXTO**
Evando Nascimento

PARTE II
[RE]DISCUTIR QUESTÕES DE ANÁLISE DO DISCURSO

135 **DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO**
Dominique Maingueneau

157 **DIZER (N)O TEMPO: OBSERVAÇÕES SOBRE
HISTÓRIA, HISTORICIDADE E DISCURSO**
Flávia Biroli

185 **DISCURSO E IDEOLOGIA**
Christian Ingo Lenz Dunker

215 **POST-SCRIPTUM**
Inês Signorini

221 **OS AUTORES**

APRESENTAÇÃO

Este é o segundo volume do díptico *Investigações sobre lingua[gem]* situada, que pretende contribuir para as discussões em curso no Brasil, desde a década de 1990, sobre transdisciplinaridade e renovação no campo aplicado dos estudos da linguagem. O primeiro volume, intitulado *Situar a lingua[gem]*, reúne trabalhos voltados para a discussão do que se pode/deve compreender por lingua[gem] situada no mundo social a partir e em função de tradições e perspectivas de investigação diferenciadas, embora convergentes em diferentes níveis e graus; o segundo volume, intitulado *[Re]discutir texto, gênero e discurso*, reúne trabalhos voltados para a discussão de questões específicas relacionadas a esses três objetos de interesse de diferentes disciplinas, tradições e perspectivas contemporâneas dos estudos da linguagem.

Os trabalhos que compõem o presente volume têm em comum com os capítulos do volume anterior o fato de buscarem o enfrentamento de questões teórico-metodológicas surgidas com a focalização da lingua[gem] situada, ou seja, não descolada de contextos de uso e práticas específicas de interação social, além de terem sido produzidos por acadêmicos filiados a diferentes disciplinas e instituições. Tal enfrentamento promove percursos de investigação que, em diferentes níveis e graus, são transversais a campos disciplinares e tradições específicas e não excluem a indecidibilidade e a incompletude como elementos constitutivos, e não residuais, de toda investigação mais atenta às realidades lingüístico-discursivas do mundo contemporâneo.

A dimensão transdisciplinar desses percursos é, também neste volume, fruto das necessidades e das (im)possibilidades criadas e/ou detectadas ao longo dos caminhos de pesquisa e não um traço unificador apriorístico dos estudos apresentados. Dentre essas necessidades e (im)possibilidades, são de particular interesse as relacionadas aos construtos texto, gênero e discurso, produzidos pela ciência lingüística

dos séculos XIX e XX, quando confrontados, por um lado, com a multiplicidade, a heterogeneidade e o dinamismo de contextos e práticas socioculturais contemporâneos, associados às transformações dos instrumentos e práticas de pesquisa sobre língua[gem] no mundo social; e, por outro, com as indagações de natureza epistemológica, ética e estética do pensamento científico pós-popperiano.

Em função justamente das expansões e deslocamentos teórico-metodológicos assim produzidos e envolvendo a discussão desses construtos e de suas bases epistemológicas, agrupamos os trabalhos que compõem o volume em duas partes inter-relacionadas. São, contudo, diversificados os percursos de investigação contemplados pelo conjunto dos trabalhos que compõem cada parte, em função também de diferenças de orientação disciplinar e teórica na condução das discussões. O agrupamento é uma tentativa de apontar algumas das possibilidades abertas à investigação, sem, contudo, esgotá-las.

A parte I deste volume, intitulada *[Re]discutir texto e gênero*, contém quatro capítulos. O primeiro deles, intitulado “Texto: conceitos, questões e fronteiras [com]textuais”, introduz as discussões sobre texto e textualidade. Convencidos do caráter controverso e não saturável das conceituações do texto enquanto fenômeno onipresente nas práticas comunicativas dos falantes e nas práticas de pesquisa de diferentes disciplinas das ciências humanas, Anna Christina Bentes e Renato Cabral Rezende, autores filiados à lingüística textual, buscam apresentar e problematizar elaborações teóricas do conceito de texto verbal produzidas no campo específico da ciência lingüística. Para isso, retomam e discutem as conceituações produzidas desde a abordagem formalista-estruturalista do texto enquanto artefato lingüístico fechado e autoconsistente até a abordagem socioantropológica do texto enquanto produto/processo sociocultural não fechado e não autoconsistente porque sujeito a um “contínuo movimento” de “descontextualização/recontextualização” nas práticas sociais.

Na esteira dos estudos socioantropológicos voltados para a relação texto-contexto na construção da coerência, os autores enfatizam as dimensões histórica e cultural do texto e da textualidade compreendidos como recursos para a ação dos falantes no mundo social, segundo con-

venções e práticas não universais de “descontextualização/recontextualização” de formas e sentidos. Uma contribuição importante deste capítulo está, justamente, em trazer para discussão as possibilidades abertas com os deslocamentos teórico-metodológicos provocados pela passagem de uma problemática da “tessitura”, tal qual vinha sendo tratada pelas tradições lingüísticas de estudo do texto, para uma problemática da “descontextualização/recontextualização”, nos termos defendidos pela lingüística antropológica, e endossada pelos autores, em sua proposta de uma “maneira dialética” de compreender o texto enquanto produto/processo de linguagem, histórico e socioculturalmente situado.

Voltado especificamente para o estudo d’*“O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia”*, o segundo trabalho da parte I, de Lucia Santaella, autora filiada à semiótica, descreve e avalia as principais transformações trazidas pela expansão, nos últimos cinquenta anos, da digitalização computacional e conseqüente operacionalização da linguagem hipertextual e da estocagem e tratamento eletrônico de várias mídias em ambientes virtuais, tanto para as conceituações lingüísticas quanto para a experiência individual e coletiva dos fenômenos texto, textualidade e leitura. Para isso, apresenta o histórico de desenvolvimento do hipertexto e da hipermídia, descrevendo suas principais características e relacionando-as com as tecnologias que se desenvolveram em diferentes frentes e que permitiram a expansão de possibilidades relacionadas às arquiteturas multidimensionais, aos espaços hiperbólicos e à interatividade polisseqüencial que, como mostra a autora, embora já estivessem apontadas pelas tecnologias do texto escrito convencional e do livro, vêm adquirindo proporções e causando impactos de natureza cognitiva, comportamental e cultural cada vez mais significativas no mundo contemporâneo.

Convencida de que a hipermídia é uma nova linguagem, feita da síntese “inaudita” de linguagens preexistentes (textuais, sonoras, visuais) “refuncionalizadas”, re combinadas e “retecidas” numa grande malha multidimensional, a autora descreve como a hibridização de várias tecnologias e a convergência de várias mídias fez com que a hipermídia estendesse as possibilidades da estrutura interativa, “alinear” e complexa do hipertexto, promovendo a experiência de imersão do leitor/navegador numa espécie de labirinto, feito de uma densa rede de

nexos ou conectores que apontam para múltiplas informações disponíveis, mas organizadas segundo “sintaxes da descontinuidade”, ou seja, diferenciadas em relação às da escrita em mídias convencionais. A discussão apresentada nesse capítulo coloca a importante questão das implicações do advento do suporte digital e da hipermídia para os modos de percepção dos próprios signos verbais e não-verbais e também, como enfatiza a autora, para os modos como o leitor/navegador é afetado por eles em seus modos de raciocinar, agir, sentir. Outra questão importante, apenas aventada, é a de como tais implicações afetarão os currículos escolares, sobretudo no campo das humanidades, como em letras e lingüística.

Focalizando um objeto de ensino tido como inovador nos currículos escolares de língua portuguesa para o ensino fundamental e médio, o terceiro capítulo da parte I, intitulado “*Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium?*”, traz para exame e discussão o conceito de gênero de discurso/texto “convocado à didatização” pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998. Conforme aponta Roxane Rojo, autora filiada à lingüística aplicada, ecoam no texto do documento tanto teorias textuais, quanto a obra bakhtiniana sobre gênero de discurso e a proposta de didatização dos gêneros textuais de um grupo genebrino de didática de línguas, para citar as referências mais relevantes. Em conseqüência, segundo a autora, é realizada no/com o documento uma operação de desarticulação/rearticulação do conceito, que é deslocado de seus “espaços de sentido” originais e é introduzido num outro, específico da esfera escolar dos documentos e teorias didáticas, produzindo ao fim e ao cabo “um novo conceito” e não apenas “um novo uso do conceito”, sendo particularmente saliente para a autora o deslocamento do conceito de gênero discursivo do “espaço de sentido” da estética verbal bakhtiniana para o da esfera escolar. Da mesma forma, segundo a autora, a didatização de diferentes gêneros de diferentes esferas, conforme previsto pelos PCN, implica o deslocamento desses gêneros para a esfera escolar e o conseqüente confronto entre modos de funcionamento próprios do gênero ou texto no mundo social e os modos de funcionamento próprios dos materiais didáticos na escola.

Convencida de que, no universo escolar da “transmissão do conhecimento”, são as formas autoritárias ou prescritivas de transmissão e assimilação as que tendem a ser privilegiadas, a autora chama a atenção para o risco dessa redução do gênero a material didático, ou seja, para o risco de redução

do ensino do gênero à das formas, regras, gramáticas e tipologias que povoam o espaço escolar e são feitas para serem repetidas, abortando as possibilidades abertas pela conceituação bakhtiniana em seu “espaço de sentido” original, e impedindo, como insiste a autora, uma aprendizagem “mais flexível e criativa” da língua[gem] na escola, ou seja, uma aprendizagem mais apta, segundo ela, às necessidades do mundo contemporâneo. Nesse sentido, como argumenta Rojo, os significados do conceito de gênero de discurso/texto como objeto de ensino de língua[gem] na escola “oscilam” entre uma volta ao *trivium* aristotélico, isto é, à continuidade da redução, pela didatização, dos gêneros poéticos e retóricos ao formal-prescritivo, por um lado, e, por outro, à descontinuidade desses processos escolares de redução através do “resgate de uma esquecida perspectiva política aristotélica na educação para a coisa pública”, nos termos da autora. Uma contribuição significativa desse capítulo é problematizar o caráter inovador atribuído ao ensino do gênero de discurso/texto pelos PCN, trazendo para a discussão no campo dos estudos lingüísticos a dimensão histórica e político-ideológica da didatização enquanto processo de descontextualização/recontextualização de conceitos e objetos originalmente produzidos nesse campo.

No capítulo seguinte, que encerra a parte I do volume, Evando Nascimento, autor filiado à teoria literária, examina como os construtos “*Texto, textualidade, contexto*” têm sido ressignificados no campo literário e filosófico do chamado pós-estruturalismo francês, ou seja, desde a ruptura dos anos 1960 com o estruturalismo lingüístico e o projeto nele inspirado de um modelo científico de estudo do texto literário, mais especificamente com o projeto de elaboração de um modelo estrutural da narrativa que atendessem ao ideal lógico-formal positivista de construção de um objeto abstrato e genérico — uma espécie de “gramática” geral da narrativa — depurada, como lembra o autor, dos dois fatores que posteriormente ressurgiriam com ênfase: o sujeito e a história. Convencido de que qualquer “teoria do texto” que ainda possa ser proposta desde a “virada semiológica” barthesiana e a escritura derridiana do final dos anos 1960, “só pode ter o próprio texto como prática correlata” e que não existe textualidade independente de sujeitos históricos, Nascimento apresenta os traços mais gerais da prática derridiana de “desconstrução” de toda “abstração positiva do signo, do texto e da estrutura”, de toda “transcendentalidade da língua” num contexto pragmático de leitura/interpretação,

como um modo específico de fazer funcionar o texto e a textualidade enquanto “operadores”, “ferramentas operacionais”, sempre específicas e historicamente situadas (“acontecimento”, “assinatura” e “contra-assinatura” em Derrida), de particular potencial desestabilizador de práticas institucionais ancoradas em formas e sentidos saturados e idealizantes, ou seja, atemporais e a-históricos, como as escolares, inclusive universitárias, mencionadas pelo autor. Nesse sentido, desconstruir é sempre, enfatiza ele, intervir ou atuar politicamente, esteticamente, eticamente, em espaços ou “campos de sentido” já constituídos.

Utilizando o exemplo de sua própria “visada desconstrutora” na releitura da antropofagia simbólica brasileira, desde os relatos de navegantes e missionários no século XVI até o “Manifesto Antropófago” dos modernistas do início do século XX, o autor argumenta que dentre os desdobramentos dessa visada está a transformação da “problemática textual”, tal qual é tratada pelas tradições lingüísticas, literárias e filosóficas de prestígio nas instituições, numa problemática do “devir-texto do texto”, ou seja, da textualidade enquanto processo aberto que se realiza na/pela dinâmica dos contextos de recepção e leitura nunca saturáveis. Desse modo, no caso da antropofagia, o interesse está numa “textualidade antropofágica” que, como assinala o autor, vai sendo retecida em diferentes malhas (manifestos, textos ficcionais, teses), “interagindo polemicamente” com outros conceitos (vanguarda, modernidade, modernismo, por exemplo) e se transformando numa “máquina textual” de efeitos sempre renovados. Uma questão relevante a ser mais bem investigada é a dos graus de convergência (ou de divergência) dessa “visada desconstrutora”, nos termos propostos, com as diferentes visadas de vocação crítica e/ou desestabilizadora de práticas institucionalizadas de produção/recepção de textos orais e escritos, apresentados nos capítulos anteriores.

A parte II do volume, intitulada *[Re]discutir questões de análise do discurso*, é composta de três capítulos. No primeiro deles, Dominique Maingueneau, autor filiado à análise do discurso de vertente francesa, traz para exame e discussão as particularidades de um campo de pesquisa inscrito na ciência da linguagem, mas singularmente posicionado, segundo ele, na “encruzilhada das ciências humanas, das ciências sociais e das humanidades”. Além da ambigüidade advinda do “caráter profunda-

mente interdisciplinar” da noção de discurso que, segundo ele, designa tanto um objeto quanto um ponto de vista sobre esse objeto e pode ser abordado em planos distintos, tal “posição singular” dos estudos do discurso também torna difícil uma apreensão unívoca da relação entre *“Discurso e análise do discurso”*, tema específico desse capítulo. Apontando definições mais e menos restritivas de análise do discurso que foram sendo produzidas ao longo do tempo e em diferentes tradições, não só as européias, Maingueneau chama a atenção para a “paisagem confusa e instável” do domínio aí compreendido, uma vez que nele se cruzam não apenas disciplinas e correntes de estudo do discurso, tradições ou “escolas” nacionais, mas também “territórios”, que agrupam lingüistas do discurso de diferentes disciplinas e correntes e também estudiosos de outros campos do saber. O interesse comum específico de todos eles estando, segundo o autor, no “entrecruzamento de um texto e de um lugar social”, sem que se reduzam os dois componentes — “texto” e “lugar social” — respectivamente ao lingüístico e ao sociológico.

Focalizando especificamente as “tendências francesas” no campo da pesquisa em análise do discurso, o autor faz um apanhado não exaustivo dos grupos e “territórios” mais ativos na França e na Suíça francófona, apontando tanto a marginalização da escola pècheuxiana desde os anos 1980 e a influência indireta do pós-estruturalismo francês, quanto a presença de elementos comuns que, segundo ele, caracterizam as “tendências francesas” contemporâneas em sua enorme diversidade. Uma contribuição relevante desse capítulo é, justamente, evidenciar elementos dessa diversidade, sem obliterar seus efeitos na configuração de uma “paisagem confusa e instável” desse domínio, também no caso francês. Um apanhado semelhante para as “tendências” brasileiras nas disciplinas que trabalham com o discurso e na pesquisa específica em análise do discurso possibilitaria o mapeamento, não só das influências estrangeiras nesse domínio, como também dos entrecruzamentos, às vezes inauditos, que o singularizam.

A discussão apresentada no capítulo seguinte, intitulado *“Dizer (n) o tempo: observações sobre história, historicidade e discurso”*, focaliza as relações entre história e discurso à luz do entrecruzamento de “linhas teóricas e perspectivas políticas” de diferentes autores dos séculos XIX e XX que pensaram a história, a historicidade e a memória em função da discussão

dos conceitos de tradição, sujeito e tempo, contribuindo, conforme mostra a autora, para o exame da “problemática da possibilidade de compreensão, pelos sujeitos, de sua própria experiência e da experiência de outros homens no tempo”. Nesse capítulo, Flávia Biroli, autora filiada à história de orientação foucaultiana, retoma e articula concepções de história e do “fazer histórico” produzidas por autores que assumem e problematizam “lugares de observação, lugares de atribuição de sentido a sua experiência e a de outros no tempo, que são também lugares epistemológicos” e, assim, iluminam as questões que inscrevem tanto a história quanto o “fazer histórico” no campo da linguagem — “dizer (n)o tempo”, nos termos da autora —, mais precisamente, no campo do discurso.

Assim, são apresentadas e discutidas, ao longo desse capítulo, convergências e diferenças encontradas em contribuições de Foucault, Arendt, Benjamin, Le Goff, de Certeau e Ginzburg, para citar os mais relevantes para a elaboração da “hipótese”, nos termos da autora, de uma “oscilação” do discurso da história entre “pólos de semelhança e de estranhamento, continuidades e descontinuidades, que constituem seus objetos e temas”, pólos sempre presentes “em medidas e combinações diferentes”, enfatiza ela, e que são responsáveis pelas “tensões entre permanência e transformação, duração e irrupção do novo” nas reflexões sobre a história e o “fazer histórico”. Além das questões específicas tratadas nesse capítulo, é também relevante para os estudiosos do discurso a construção de um foco de reflexão pautado na relação entre lugares de observação e de atribuição de sentido e lugares epistemológicos diferenciados e nem sempre convergentes de articulação de conceitos.

No último capítulo da parte II, Christian Ingo Lenz Dunker, autor filiado à psicanálise de orientação lacaniana, traz para exame e discussão a relação entre “*Discurso e ideologia*”. Para isso, retoma os três aspectos constitutivos da noção de ideologia formulados por Althusser, relacionando-os com elementos da história do conceito desde o projeto de uma ciência geral das idéias no século XVIII até as teorias críticas do século XX, e com as diferentes vertentes teóricas e perspectivas políticas que dele se apropriaram ao longo do tempo. Defendendo a “tripla condicionalidade” desses aspectos constitutivos para se evitar a neutralização do conceito e, conseqüentemente, a dissolução de “sua força metodológica e crítica”, o autor chama a

atenção para a importância da referência psicanalítica nos modos de compreender a ideologia desde os movimentos críticos do pós-guerra europeu até a contemporaneidade, apontando seus principais aportes no passado, e também no presente, com destaque para as contribuições de Žižek em seu trabalho de análise discursiva da ideologia a partir da teoria lacaniana. Enfatiza também a importância, desde o surgimento do conceito, de uma “tensão” entre uma dimensão epistemológica e uma dimensão política da ideologia, sem a qual desaparece seu potencial crítico.

Focalizando especificamente a “heterogeneidade das relações entre discurso e ideologia”, Dunker aponta as noções, “operatórias” segundo ele, de espaço, lugar e posição para mostrar que “o que torna ideológico o discurso é sua articulação, ou seja, sua transversalidade entre espaço, lugar e posição”. E em função dessa “transversalidade”, justamente, operam os conceitos psicanalíticos de “basteamento ideológico” e “fantasia ideológica” que permitem ao autor, na esteira de Žižek, pensar a relação “fantasmaticamente alienante da ideologia” e, sobretudo, a possibilidade de sua subversão. Uma contribuição importante desse capítulo está na identificação e problematização dos modos contemporâneos de neutralização do conceito de ideologia, não só pela “maré pós-estruturalista, desconstrutivista e pós-moderna”, nos termos do autor, mas, sobretudo, pelas correntes críticas de análise do discurso que não atenderam à “exigência de renovação epistemológica e política”, assinada pelo autor, para cada nova discussão do conceito.

No “Post-scriptum” ao volume, Inês Signorini, autora filiada à lingüística aplicada, retoma rapidamente dois traços que considera relevantes para as discussões em curso sobre renovação no campo aplicado dos estudos da língua[gem] e que são comuns aos trabalhos que compõem os dois volumes do díptico *Investigações sobre língua[gem] situada*. Um deles é o enfrentamento de questões teórico-metodológicas surgidas com a focalização de um objeto próprio do campo aplicado: a língua[gem] situada em contextos de uso e em práticas socioculturais específicas. O outro é o tensionamento e, eventualmente, no curso desse enfrentamento, a redefinição, pelo analista, de modelos disciplinares estabelecidos de configuração de tal objeto.

Em seguida, ela traz para discussão algumas das implicações de questionamentos e reconfigurações, daí advindos, para as práticas institucionalizadas de produção do conhecimento no campo dos estudos da língua[gem] e, conseqüentemente, também para ordens e redes institucionais estabilizadas de produção, legitimação e controle do conhecimento nesse campo. Pensando em discussões futuras, destaca dois aspectos também contemplados nos trabalhos que integram os volumes focalizados. O primeiro deles é o da interação, mediada por redes e dispositivos formais e informais, com interlocutores estrangeiros e suas filiações no campo epistemológico. O segundo aspecto, relacionado ao primeiro, é o dos processos de subjetivação dos pesquisadores brasileiros envolvidos nesse processo.

No primeiro caso, a discussão a ser aprofundada, segundo a autora, é a do potencial transformador e criativo desse tipo de interação, conforme historicamente já estabelecido em meios acadêmicos brasileiros, sobretudo quando é orientada por um princípio regulador de natureza crítica e dialógica ao mesmo tempo. No segundo, trata-se de compreender melhor como e por que, historicamente, esse tipo de interação tem funcionado tanto como uma espécie de garantia de espaço (um tipo de salvo-conduto), identidade e voz em discussões e lutas em curso na comunidade local, quanto como instrumento silenciador, ou inibidor de vozes e ações nessas mesmas discussões e lutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os autores que se dispuseram a contribuir para a composição deste volume, especialmente aos que aderiram ao projeto no seu início e aguardaram pacientemente o seu desenvolvimento ao longo dos três últimos anos. Agradeço, da mesma forma, aos colegas e alunos que contribuíram com as traduções dos originais em língua estrangeira.

INÊS SIGNORINI

Campinas, 16 de julho de 2008

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES DA SILVA, F.; RAJAGOPALAN, K. (orgs.). *A lingüística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.